

Algumas considerações teológicas e práticas sobre a pastoral de aconselhamento*

Lothar Hoch

1 – QUESTÕES DE TERMINOLOGIA

Ao preparar minha palestra, senti uma certa dificuldade em encontrar termos adequados para caracterizar aquilo que entre nós convencionamos chamar de "poimênica". Já o próprio termo "poimênica" encerra alguns problemas. Ele provém do grego "poimaino" que descreve a atividade de alguém que pastoreia um rebanho. Em seu sentido original este ato de "pastorear" envolvia a preocupação em cuidar do rebanho, protegê-lo contra eventuais inimigos e zelar pelo seu bem-estar até ao extremo de se sacrificar por ele (João 10). Porém, à medida em que na igreja primitiva foi se cristalizando uma certa hierarquia eclesástica, a atividade do "poimen" (pastor) perdeu muito do seu caráter de servir, para assumir uma conotação de exercer domínio e controle sobre o rebanho. (Estaria aqui a origem do fato de nós pastores hoje termos uma certa vocação autoritária?). Mas além deste caráter levemente autoritário o termo "poimênica" apresenta a desvantagem de ser algo difícil e pouco conhecido fora dos círculos eclesásticos. Além disto, permanece a pergunta: Como vamos chamar a pessoa que exerce as atividades poimênicas?

O termo "pastor", como nós o usamos hoje, é muito geral e serve mais para descrever a atividade pastoral como um todo, desde a pregação, o ensino, até a administração duma paróquia. A palavra "pastor" portanto não caracteriza a atividade específica daquele que se dedica à poimênica.

O termo "cura d'almas" que no passado era bastante difundido, está caindo cada vez mais em desuso à medida em que

* Conferência inaugural, proferida na Faculdade de Teologia da IECLB, em 2 de junho de 1980

não se considera mais a alma como objeto exclusivo da poimênica. Atualmente se verifica uma tendência crescente de empregar uma terminologia que enfatiza o caráter de "aconselhamento", implícito na poimênica. Também este termo apresenta impropriedades pois ele sugere que a poimênica tenha a função de "dar conselhos". Mesmo assim fala-se muito em "aconselhamento pastoral" e do pastor como "conselheiro" ou "aconselhante" e do membro como "aconselhando", "pastorando" ou mesmo "cliente".

Não podemos aqui aprofundar este assunto até ao ponto de discutir todos os prós e contras dos diversos termos mencionados. Na atual conjuntura da poimênica brasileira é necessário que este assunto permaneça em aberto. Pois a problemática da terminologia é apenas um sintoma de que a reflexão em torno da poimênica está longe de estar encerrada. Muito pelo contrário, a poimênica nos últimos anos voltou a ser um assunto muito atual na igreja de todo o mundo. Também aqui no Brasil e dentro da própria IECLB esta temática está passando a ser cada vez mais discutida. À medida em que a reflexão prossegue, irá se cristalizando uma terminologia genuinamente evangélica e adequada a nossa situação de igreja na América Latina. Mas por estarmos recém no início deste processo de reflexão, ainda temos que nos satisfazer com uma terminologia provisória e vacilante. Também o presente trabalho não foge a esta regra.

2 – POIMÊNICA COMO PREGAÇÃO DO CRISTO ENCARNADO

Eduard Thurneysen, o amigo pessoal de Karl Barth e uma das personalidades que mais influenciaram o debate poimênico nos últimos decênios, definiu poimênica como sendo "a pregação da palavra de Deus ao indivíduo" (1). Iniciemos, pois, a nossa reflexão examinando em que sentido a poimênica é de fato uma forma de pregação.

Para Thurneysen a pregação é em toda e qualquer circunstância um ato essencialmente verbal, isto é, ela se vale do instrumento da palavra. Deus é, por excelência, um Deus da palavra. É por meio da palavra que Deus fala ao homem, o questiona na sua forma de ser e de viver, o confronta com a sua vontade divina; pela palavra Deus mostra ao homem a sua condição de pecador, o leva ao arrependimento e, finalmente, lhe anuncia a graça e o perdão que

(1) Eduard Thurneysen, *Die Lehre von der Seelsorge*, 4ª edição (Zürich 1976), pág. 9.

levam à reconciliação. A palavra é o instrumento de comunicação entre Deus e o homem. O pregador tem um papel secundário neste evento. A ele cabe a tarefa de ser porta-voz e instrumento da palavra. Ele é boca de Deus, jamais o seu agente. O agente, isto é, aquele que age, é Deus mesmo, respectivamente o seu Espírito Santo.

Aos nossos ouvidos luteranos, estas colocações soam de modo bastante familiar. Nós que nos consideramos tradicionalmente como a igreja da palavra e que colocamos o púlpito no centro de nossas atividades, temos uma afinidade quase natural com Thurneysen. De fato, a redescoberta da palavra por parte dos reformadores iniciou o processo de renovação da igreja. Ela é e deve permanecer também o fundamento da nossa fé e da nossa atuação como cristãos hoje.

A questão que necessita de uma maior reflexão é: Como a palavra de Deus pode ser comunicada de modo mais eficaz e qual o papel que cabe ao pastor como testemunho vivo desta palavra. A dificuldade que sentimos reside no fato de não possuímos a palavra de Deus de forma objetiva, pura e palpável. Só temos a palavra de Deus de forma mediada, isto é, em forma de testemunhos humanos. "A palavra de Deus não desce de forma vertical, de cima para baixo, como se Deus mesmo a proclamasse e nós apenas precisássemos repeti-la" (2). A própria Bíblia, neste sentido, não pode ser considerada palavra de Deus pura, destilada e objetiva. O texto bíblico é testemunho de homens que crêem ter experimentado a mão de Deus em suas vidas. Mesmo que consideremos a Bíblia como fonte da revelação de Deus, temos que nos dar conta de que, a rigor, ela não contém nenhuma revelação direta de Deus. Ela contém, isto sim, testemunhos da revelação de Deus.

Se levarmos a sério este fato, então haveremos de concordar que dentro duma situação poimênica, pregar a palavra de Deus a uma pessoa em crise não pode consistir apenas em recitar versículos bíblicos, ainda que sejam cuidadosamente escolhidos. A pregação da palavra de Deus é sempre um ato que envolve toda a pessoa do pregador, tanto o seu testemunho verbal, como também a atitude e a postura global que ele assume perante o seu interlocutor.

Estudos sobre o assunto têm mostrado que pessoas em crise que procuram aconselhamento, revelam uma sensibilidade muito aguçada para a atitude do conselheiro. Mesmo que o consulente

(2) Dorothee Hoch, *Offenbarungstheologie und Tiefenpsychologie in der neueren Seelsorge*, (München 1977), pág. 11.

não o demonstre, ele registra qualquer detalhe da postura do conselheiro: a sua expressão facial, seus gestos, sua mímica, seu tom de voz. É como se o consulente estivesse de antenas ligadas para aquilo que o seu interlocutor irradia em termos de calor humano, afetividade, tranqüilidade, compreensão e amor. "Dentro de nós existem instâncias que percebem mais do que aquilo que nossos ouvidos ouvem" (3). Nesta situação, as palavras constituem apenas uma parcela do fluxo de comunicação que acontece entre os parceiros da poimênica. A palavra, ainda que seja uma palavra bíblica, não convence se ela não estiver em harmonia com a atitude e a postura daquele que a profere.

Eu pessoalmente estou convencido que o consulente dá mais atenção para a postura poimênica do pastor do que para as suas palavras. Ele só dará crédito àquilo que o pastor disser, se houver coerência entre o conteúdo verbal das suas palavras e a expressão global da sua atitude. No nosso convívio diário procedemos de forma semelhante. Por exemplo, quando encontramos alguém na rua e lhe perguntamos: "Como vais?", nós não damos tanta atenção ao que o outro responde, pois já sabemos de antemão que provavelmente a sua resposta será: "Eu vou bem!" Nós, na verdade, atentamos mais para a expressão do seu rosto e para o conjunto todo da sua aparência. Isto é, também no nosso inter-relacionamento cotidiano costumamos dar mais crédito ao todo da pessoa do que às suas palavras.

Assim também na poimênica, o nosso interlocutor estará muito atento, talvez até mais atento, à pessoa, ao veículo da palavra de Deus do que à palavra propriamente dita. Por isto, se na hora da crise e da solidão, quando amigos e familiares e o próprio Deus parecem ter retirado o seu apoio, — se nesta hora o pastor tiver o carisma de poder transmitir ao doente a sensação de que há alguém ao seu lado, então ele estará sendo mais que mero porta-voz da palavra de Deus. Ele estará sendo a palavra encarnada, o verbo que se faz carne, o Immanuel ou o Deus presente. Com a sua presença e solidariedade vivida de forma concreta, o pastor estará abrindo a possibilidade para que o seu interlocutor consiga dar crédito àquele Deus que prometeu estar ao lado do homem que sofre. "Se Cristo diz estar conosco até aos confins do mundo, então o nosso gesto de estar com o outro, na verdade, é a concretização, quase poderíamos dizer, a realização desta promessa" (4). É neste sentido que eu entendo poimênica como sendo pregação do Cristo encarnado.

(3) Hans-Christoph Piper, *Gesprächsanalysen*, (Göttingen 1973), pág. 107.

(4) Heije Faber, citado em Dorothee Hoch, op. cit., pág. 59

Já foi mencionado que no confronto íntimo entre o pastor e uma pessoa em crise, esta última apresenta uma sensibilidade muito elevada. E podemos ter certeza que ela vai notar se o pastor está realmente ao seu lado com o todo da sua pessoa ou apenas com a sua boca. A situação poimênica, neste sentido, é a hora da verdade. O cliente vai medir a credibilidade do testemunho bíblico-verbal do pastor com a autenticidade do seu testemunho vivido naquela hora. Em certas situações a palavra pode até se tornar secundária, um fator acessório, um instrumento complementar ou a verbalização daquilo que está sendo vivenciado existencialmente.

É evidente que uma pessoa humana jamais consegue transmitir toda a profundidade e o mistério do amor divino. Mesmo assim a solidariedade do pastor com aquele que sofre deve ser uma busca e uma tentativa de atualização da solidariedade do próprio Cristo. Somente assim a encarnação divina no homem Jesus Cristo deixa de ser um evento do passado, um dogma estático sem conseqüências no presente. Encarnação é a ação do Cristo vivo que se torna carne sempre de novo. E a continuidade da ação solidária e criadora de Deus através daqueles que crêem no seu nome. Encarnação é aquela ação que Lutero qualificou de "tornar-se um Cristo para o outro". Em sua última conseqüência, crer na encarnação significa deixar de delegar para Deus aquilo que é nossa responsabilidade humana. Para citar Lutero mais uma vez: "Quanto mais o trouxermos para dentro da carne – se bem que nunca o consigamos suficientemente – tanto melhor"(5).

Poimênica, como pregação do Cristo encarnado, procura reduzir o dualismo entre a ação de Deus e a ação do homem. Ela não entende a ação de Deus para com o homem primordialmente como uma interferência vertical de cima para baixo ou de fora para dentro. A poimênica da encarnação valoriza a ação responsável do homem na esfera imanente, procurando localizar a mão de Deus em meio à solidariedade humana. O inter-relacionamento humano torna-se o lugar onde a graça e o amor de Deus se tornam transparentes.

3 – POIMÊNICA COMO JUSTIFICAÇÃO VIVENCIADA

Existe uma ligação muito estreita entre a encarnação e a justificação. Me parece contudo que nós luteranos nem sempre

(5) "Je tiefer wir ihn bringen können ins Fleisch – wie man es doch nie genug kann – desto besser ist es" (WA 34 I, 147), citado em Friedrich Gogarten, *Jesus Christus Wende der Zeit*, (Tübingen 1967), 2ª edição, pág. 3.

soubemos acentuar de modo suficientemente claro este vínculo. Nós damos, como Thurneysen, uma ênfase muito grande à pregação da Palavra de Deus em termos duma comunicação oral. Isto é, nós pregamos um Deus que justifica o pecador, sem que a justificação chegue a ser experimentada concretamente pelo ouvinte. Parece-me que estamos demasiadamente presos a uma compreensão forense da justificação. Isto é, se declara ao homem que Deus o aceita assim como ele é, sem que este chegue a experimentar de forma concreta esta aceitação. Surge assim uma grave dicotomia entre fé e experiência. Uma poimênica que parte da encarnação, a meu ver, contribui para que a justificação deixe de ser um ato meramente forense, para se tornar algo vivenciado a nível da experiência inter-humana. A comunicação inter-humana torna-se um meio de experimentar o amor de Deus de forma concreta. O "extra-nós" divino torna-se transparente através da mediação do "inter-nós".

A fé na aceitação de Deus não pode jamais ser um substituto pela falta de aceitação que o homem experimenta por parte de seus semelhantes, neste caso a fé se tornaria apenas um paliativo; Deus, um Deus totalmente ausente e não um Deus irmão que se solidariza com o que sofre e se encarna na ação humana.

Para ilustrar o que acabamos de dizer, tomemos como exemplo o caso de alguém que sofre de um forte sentimento de culpa. A poimênica atual insiste em que o pastor não conseguirá ajudar uma tal pessoa, se ele se limitar à pregação verbal da mensagem do perdão de Deus. O sentimento de culpa tem raízes existenciais muito profundas que precisam ser levadas em consideração. Caso contrário, a poimênica permanecerá apenas na superfície do problema.

Um dos maiores perigos da pastoral de aconselhamento é a precipitação do pastor em trazer o consolo da Palavra de Deus. Muitas vezes ele o faz na melhor das intenções, sem se dar conta de que com isto ele pode estar cortando o fluxo da comunicação. O consulente entende esta atitude como sendo a palavra final do pastor e a abordagem do problema fica prejudicada. No citado caso do sentimento de culpa, — não só aqui —, é vital que o consulente tenha a oportunidade de fazer a sua "catársis", isto é, o ato de ir externando pouco a pouco tudo aquilo que ele sente no seu íntimo. Estas "catársis" pode ser um desabafo verbal, mas pode também ser uma enxurrada de emoções que irrompem incontidas, como se as comportas de uma barragem subitamente se abrissem. Pode ser também que este desabafo se dê de forma lenta, pausada, — como um dique que vai vazando gota após gota. É como se a pessoa fosse tateando cautelosamente e, à cada palavra, auscultando o seu

interlocutor, se este continua com ela, entendendo e aceitando aqueles sentimentos que ela externa.

Há quem considere esta "catársis", ou este desabafo, como sendo apenas uma questão preliminar, algo que precede a poimênica propriamente dita. Thurneysen, por exemplo, que estamos usando como pano de fundo para a formulação de nossa própria posição, distingue duas fases marcantes na poimênica. Segundo ele, na primeira fase é dada a oportunidade a que o consulente fale de suas dificuldades e que esterne as suas emoções e sentimentos. Mas em um determinado momento o pastor deve induzir a uma ruptura deste diálogo de caráter profano e procurar o momento propício para a pregação da palavra de Deus.

Thurneysen reconhece que tanto a "catársis" como também a aceitação do pastorando por parte do conselheiro são elementos importantes da poimênica. Mas para ele é fundamental que, a partir de um certo momento, este nível inter-humano de relacionamento seja deixado para trás e que seja dada a palavra ao próprio Deus, através da pregação explícita da palavra bíblica. É como se Deus, a partir do momento em que a sua Palavra entra em cena, passasse a ser o agente da poimênica e que a pessoa do pastor ficasse em segundo plano. Aqui tem-se a nítida impressão de que a ação de Deus e a ação do homem se excluem mutuamente. É como se o pastor fizesse tão somente o trabalho preliminar e levasse a questão até à soleira da porta da verdadeira poimênica e que a partir dali Deus mesmo assumisse as ações.

É natural que uma tal compreensão de poimênica leva a que o pastor procure não se deter por muito tempo em questões pessoais, consideradas secundárias. Ele fará o possível para, assim que surja uma brecha, levar o diálogo para as coisas de Deus. Onde isto não acontecer, ele receia não ter testemunhado de forma adequada a palavra de Deus e portanto deixado de alcançar o verdadeiro objetivo da poimênica.

Com isto não quero afirmar que a pregação da Palavra de Deus, de forma explícita, fosse algo negativo. Quero, isto sim, alertar para o fato de que uma preocupação exagerada em pregar a Palavra de forma verbal pode ter um efeito contrário ao entendido e, ao invés de tornar o Evangelho mais transparente, vir a ocultá-lo.

Se todavia o pastor tiver o dom de ouvir ao invés de falar e der ampla oportunidade a que o consulente externar toda a profundidade de sua angústia e, no caso de sentimento de culpa, souber transmitir ao outro a sensação de que ele é aceito em todas as esferas de seu ser, então ele estará testemunhando a mensagem da justificação, talvez na sua forma mais eficiente. O sentir-se aceito por uma outra pessoa naquelas áreas onde se tem dificuldade de se

aceitar a si mesmo, capacita a pessoa a compreender melhor a aceitação de Deus e a encoraja a aceitar-se a si mesma assim como ela é.

Neste sentido Paul Tillich fala da justificação como sendo o ato de aceitar a aceitação de Deus. O pastor, por sua vez, através da sua atitude de aceitação do outro, é a encarnação da aceitação de Deus.

Justificação, portanto, não se limita à crença num ato de Deus que ocorreu há dois milênios, mas é a certeza de que este Deus continua justificando hoje, a saber, ali onde alguém consegue transmitir a outrem esta experiência concreta de aceitação. A tarefa da poimênica é ser um instrumento de atualização da justificação de Deus em Cristo. E, à medida em que ela atualiza e concretiza esta graça, ela é pregação.

A fé, por sua vez, segundo William Hulme, é "aquela atitude humana que está em condições de aceitar a graça de Deus" (6). A tarefa do pastor é, através da sua atitude de aceitação, dar condições a que o pecador que se considera indigno e imerecedor do amor divino, se sinta como o favorecido pela graça divina.

Como sabemos, o próprio Lutero, que constantemente era atribulado por fortes sentimentos de culpa, só passou a entender o alcance da graça divina e a dimensão da justificação pela fé, através de seu superior e conselheiro espiritual Dr. Staupitz. Staupitz não foi somente o confessor de Lutero, ele foi um homem extremamente dotado tanto em sentido pedagógico como em sentido poimênico. Por seu intermédio Lutero conseguiu se livrar daquele Deus severo, exigente, quase tirânico, perante o qual ele não conseguia subsistir e, ao invés disso, descobrir o Deus do amor e da graça. Staupitz foi aquela pessoa que encarnou para Lutero o evangelho do amor e da graça. Conta-se que Staupitz, pouco antes de morrer, confessou que ele amou Lutero mais do que qualquer mulher o conseguisse ter amado. Não é de se admirar, portanto, que Lutero tenha considerado a Staupitz como o seu "Pai no Evangelho" (7).

4 – POIMÊNICA COMO SOLIDARIEDADE DO CRUCIFICADO

Até que ponto as reflexões acima feitas não sobrecarregam a pessoa do pastor no desempenho da tarefa poimênica? Onde ficam

(6) William Hulme, *Counseling and Theology*, (Philadelphia 1967), pág. 165

(7) Erik H. Erikson, *Der Junge Mann Luther*, (Frankfurt 1975), pág. 182s.

as limitações do ser humano, onde a sua condição de pecador que está constantemente às voltas com suas próprias imperfeições? Como pode ele, que é permanentemente atribulado pelo sofrimento e por isto mesmo ele próprio a mercê e graça de Deus – como pode este ser humano querer encarnar o evangelho da graça de Deus a outrem?

Ele na verdade não o pode. Mas, à medida em que ele não o pode, ele se torna solidário com o seu parceiro. E esta solidariedade na fraqueza é a mais elevada forma de testemunho e de comunhão com o Cristo crucificado. Poimênica, como solidariedade sob a cruz, se alimenta da convicção de que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza. “Deus, por sua parte, se definiu na fraqueza de Cristo, no despojamento da cruz, em cuja fraqueza está oculto seu poder” (8). A atitude do pastor que se solidariza com seu parceiro é a atitude daquele que, como o apóstolo Paulo, se gloria na fraqueza. Ela não é a atitude daquele que julga não mais ser deste mundo e portanto, não estar mais sujeito ao pecado e à fraqueza. Nem tampouco, a atitude daquele que se julga possuidor da verdade e por isso sempre sabe o que deve dizer. Pelo contrário, a poimênica da cruz representa o questionamento da soberba daqueles que sempre tem uma resposta pronta, seja qual for a situação. Poimênica não significa trazer o outro ao estado de perfeição na qual eu me encontro, mas significa suportar a situação do outro, onde ele se encontra. Em certas circunstâncias, isto pode levar o pastor a emudecer e a não saber o que dizer. Pois, pode acontecer que justamente com esta atitude o outro se sinta levado a sério no seu sofrimento. Poimênica da cruz não se realiza entre parceiros desiguais, onde um está preocupado em levar o outro ao estágio de fé e perfeição que ele julga ter alcançado. Poimênica cristã é sempre uma poimênica crucis. Isto inclui a humildade de reconhecer as suas próprias limitações. Poimênica é a solidariedade dos fracos. É a solidariedade daqueles que partilham uma caminhada espinhosa, na certeza de que, ao estarem juntos a caminho, o Cristo está no meio deles como na história dos discípulos de Emaús (Lc. 24). Poimênica é parceria na via crucis.

É natural que uma poimênica que se solidariza com o que sofre confronta o pastor com suas próprias insuficiências e mexe com seus problemas e medos pessoais. Prova disto é a experiência que a gente faz sempre de novo em ter que admitir que, na prática, a

(8) Walter Altmann, *Solidariedade – juízo – esperança*. Legitimidade e falsidade de um falar “luterano” de Deus na América Latina, em: Walter Altmann e outros, *Falar de Deus hoje* (São Paulo 1979), pág. 82s.

poimênica fica bastante aquém dos bem intencionados propósitos que se formulam na teoria.

Não raro acontece que, quando uma pessoa passa a falar de sua situação pessoal, ela, sem querer, toca nalgum ponto nevrálgico do próprio pastor. Certos sentimentos ou emoções que o consulente externa podem desencadear no pastor alguns sentimentos com os quais ele mesmo têm dificuldade de lidar. Isto pode levar a que o pastor passe a se ocupar mais consigo mesmo do que com o seu interlocutor e, desta forma, prejudicar sensivelmente a sua capacidade de ouvir o outro.

Quantas vezes já aconteceu que um pastor foi ao encontro de um doente com a intenção de lhe trazer consolo, mas, ao se confrontar com toda a dimensão da dor e do desespero do outro, passa ele mesmo a se desesperar e não mais pode conter suas próprias emoções. Ao invés de consolar, ele mesmo acaba sendo consolado. O mais freqüente, no entanto, é que o pastor, quando sente que está perdendo o controle das suas emoções e, por conseguinte, o controle das ações, ele procura uma maneira de fugir daquele impasse. Ou ele tenta mudar de assunto, ou ele passa a procurar desesperadamente por uma solução para o problema do outro. Assim existem pessoas verdadeiramente especializadas em oferecer receitas prontas para qualquer tipo de males. Este é o mecanismo predileto daqueles que têm dificuldades de serem confrontados com as suas próprias deficiências e fraquezas. Num caso assim, até mesmo uma passagem bíblica pode ser usada como tábua de salvação. Quantas vezes o uso da Bíblia junto ao leito de um moribundo é uma forma de esconder a própria insegurança e um meio de se sair elegantemente duma situação que está se tornando incômoda para o próprio conselheiro. Neste caso, se pretende trazer a Palavra de Deus ao outro, quando, na verdade, se está escondendo a própria insegurança e abafando o seu próprio medo da morte.

Formar pessoas para o serviço poimênico numa Faculdade de Teologia não pode, portanto, significar que se municie o futuro pastor com um cabedal tão vasto quanto possível de receitas para o maior número possível de situações que venham a ocorrer mais tarde no pastorado. Preparar pessoas para o exercício da poimênica significa, entre outras coisas, ajudá-las na sua busca por uma estrutura espiritual e psíquica que as habilite a se colocarem ao lado daquele que sofre sem sucumbir com ele.

Eu falei em estrutura espiritual é psíquica, porque estou convencido de que existe uma estreita ligação entre a estrutura de fé e a estrutura psíquica de uma pessoa. Quem negar isto, estará dividindo a pessoa humana. Quem, porém, defender a unidade do

ser humano, concordará que tanto a espiritualidade como a personalidade de uma pessoa são instrumentos a serviço da poimênica.

A fé que se alicerça no evangelho de Jesus Cristo é uma fé que liberta, aperfeiçoa e amadurece a pessoa para que ela consiga se colocar ao lado do fraco. O divino e o humano não se excluem de forma dualística, a tal ponto que ser cristão signifique a negação do ser pessoa. Deixar Deus ser Deus não exclui, mas inclui deixar que o homem seja homem. Deus não quer marionetes, mas parceiros com maturidade e disposição de assumirem o seu papel no mundo. Ao criar o homem à sua imagem, como coroa da criação, Deus pretendeu dar-lhe uma sadia consciência do seu valor e da sua dignidade.

Dentro da tradição luterana tem-se entendido erroneamente que "afogar o velho Adão dentro de nós" seja idêntico com apagar a personalidade e a identidade própria de uma pessoa. Deus não quer e não precisa alicerçar a sua glória e a sua soberania à custa da maturidade humana. Deus é paternal e não paternalista.

Assim sendo a poimênica deve contribuir na capacitação da pessoa humana para caminhar sobre os seus próprios pés, sem que ela necessite, a cada passo, da mão de outrem. Um dos grandes perigos da prática poimênica reside justamente no fato de uma pessoa cair na dependência da outra. Isto vale tanto para o pastorando que não consegue mais decidir nada sem consultar o pastor. Mas isto vale também para o pastor que não consegue mais se sentir bem, se não tiver um grupo de pessoas que constantemente recorre a ele.

Uma poimênica responsável não cria dependência, mas tem como alvo a maturidade e a estabilidade espiritual e psíquica de uma pessoa. A poimênica da cruz não é a prática de exercer domínio sobre outrem. A poimênica da cruz quer, isto sim, de forma humilde e solidária, colocar tudo, inclusive a fraqueza humana, a serviço de Deus e do próximo.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou ciente de que a tentativa de refletir teologicamente sobre a prática poimênica é uma tarefa ampla demais para uma palestra. Dentre todas as questões que não puderam ser abordadas, quero destacar apenas uma: a dimensão social e coletiva da pastoral de aconselhamento. Uma ação poimênica que parte da encarnação, que procura atualizar a graça de Deus, através da solidariedade com o que sofre, não pode deixar de levar em consideração o contexto familiar, social e político, donde provém e onde vive o indivíduo que

sofre. Quantas vezes o clamor de um indivíduo é o clamor de todo um povo?!

Se concluo, pois, minhas considerações faço-o na esperança de, em outra oportunidade, poder abordar com mais profundidade esta questão.

BIBLIOGRAFIA

- Erik H. Erikson:** Der Junge Mann Luther, Suhrkamp Taschenbuch, Frankfurt, 1975.
- Dorothee Hoch:** Offenbarungstheologie und Tiefenpsychologie in der neueren Seelsorge, Ch. Kayser Verlag, München, 1977.
- Hans-Christoph Piper:** Gesprächsanalysen, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1973.
- Walter Altmann (e outros):** Falar de Deus hoje, ASTE, S. Paulo, 1979.
- Eduard Thurneysen:** Die Lehre von der Seelsorge, Theologischer Verlag, Zürich, 1976, 4ª Edição.
- Dietrich Stollberg:** Mein Auftrag – Deine Freiheit, Claudius Verlag, München, 1972.
- Lothar C. Hoch:** Seelsorge und Gemeinschaft, Inauguraldissertation, Marburg 1979.
- William Hulme:** Counseling and Theology, Fortress Press, Philadelphia 1967.
- Dorothee Sölle:** Das Recht ein anderer zu werden, Luchterhand Verlag, Berlin 1971.
- Friedrich Gogarten:** Jesus Christus Wende der Zeit, J.C.B. Mohr, Tübingen 1967, 2ª Edição.
- Heinz Zahrtm (e outros):** Jesus und Freud, R. Piper & Co. München 1972.